



CAPA

# O ANTICRISTO

EIS A MAIS PRECISA DEFINIÇÃO DA PERSONALIDADE  
DO EX-CAPITÃO ELEITO PARA A PRESIDÊNCIA  
AO CABO DE UMA SÉRIE DE GOLPES

por MINO CARTA

**C**onta um caríssimo amigo, Celso Amorim, ter ouvido de Leonardo Boff a seguinte definição da natureza de Jair Bolsonaro: “Trata-se do anticristo”. Talvez seja este o perfil mais convincente para qualificar o presidente brasileiro, eleito, como sabemos, ao cabo de uma série de golpes de Estado que reduziram o Brasil à situação atual. Que quer dizer anticristo? O destruidor de tudo aquilo que na vida faz sentido, da razão e de qualquer nobre sentimento, como a solidariedade e a compaixão.

Muito se disse e se escreveu a respeito do ex-capitão, na tentativa de explicá-lo, mas é do conhecimento até do mundo mineral que nada tem a ver com grandes vilões da história recente aos quais foi comparado, como Hitler e Mussolini. Ambos, obviamente, figuras deploráveis, cada qual a seu modo, mas explicáveis à luz dos eventos. Na origem de ambos os tratados de Versalhes, que, ao cabo da Primeira Guerra Mundial, estabeleceram os destinos das nações. A derrotada Alemanha mereceu o desprezo dos grandes da



Leonardo Boff enxerga muito bem

Terra e a Itália, que lograra recuperar algumas regiões anteriormente perdidas, ficou escanteada, com certo desdém.

Sobraram, portanto, duas nações frustradas. A primeira já adiantada no caminho da industrialização, a segunda ainda atada a uma economia rural, necessitada de modernização. Bastaria ler alguns livros de história, e até assistir a filmes como o exemplar *A Marcha Sobre*

*Roma*, obra-prima de Dino Risi, para entender as origens do fascismo, que atrasou a Itália em pelo menos 20 e poucos anos. O fascismo nasceu da aspiração de resgate da pequena burguesia, a viver o desapontamento de um país admitido na comunidade internacional, mas com muitas reservas.

O país teve a chance de se redimir depois da Segunda Guerra Mundial, que ensejou também uma revolução intestina, pela qual, selada a paz, atingiu-se finalmente a democracia. O primeiro capítulo da Constituição que passou a vigorar em abril de 1948 soletra: “A Itália é uma república democrática baseada no trabalho”. Como é simples verificar, nenhuma destas situações evoca a mais pálida semelhança com o Brasil. Mussolini cavava insatisfações profundas e pretendia uma Itália emparelhada com as demais potências europeias. Hitler visava o domínio do mundo, meteu-se numa aventura napoleônica ao invadir a URSS e teve de amargar o mesmo destino trágico do próprio imperador francês.

O Brasil e seu atual presidente não se encaixam nestas conjunturas. Tan-





ISTOCKPHOTO E WILSON DIAS/ABR

to a Alemanha quanto a Itália conseguiram, eventualmente a muito custo, atingir a contemporaneidade. Nós, em nosso canto, andamos vigorosamente no sentido oposto. Nada aqui é sinal de progresso. Tanto mais do ponto de vista político. Não é admissível, em um país democrático, que os poderes da República, que tão ardorosamente participaram dos golpes, continuem a funcionar normalmente como se nada tivesse ocorrido. O

mesmo Congresso que em festa derrubou Dilma Rousseff, o mesmo Supremo Tribunal Federal, sentinela da Constituição, a permitir os desmandos clamorosos da Lava Jato. A condenação sem provas e a prisão de Lula também aí estão, intacdos e empafiosos, como sempre.

A busca de uma solução haveria de passar, necessariamente, pela revisão do malfeito ao eliminar o resultado para devolver o País ao justo destino. Diga-se que es-

O anticristo na versão da gravura do século XV

ta objeção não faz parte das críticas de importantes figuras do mercado (*leia a reportagem a seguir*) ao desempenho presidencial. A presença de Bolsonaro nesta parada contradiz qualquer anseio democrático, bem como este lamentável, eterno fingimento da normalidade, que jamais correspondeu à verdade dos fatos, de sorte a confirmar a nossa medievalidade, a presença inegotável da casa-grande e da senzala, a incapacidade das lideranças em nome de um lamentável faz de conta. Aos olhos do mundo, esta verdade exposta como uma chaga sem cura assume uma evidência prepotente.

**N**o Brasil, o fanático do Apocalipse está especialmente à vontade. Pergunto-me em vão como é possível que os governadores o procurem em bloco para uma conversa, como se fosse possível trocar ideias com o anticristo. Podemos, isto sim, conjecturar a respeito das próximas artimanhas para evitar a sua saída do Planalto. Não temos dúvidas, está claro, que tal é a intenção do anticristo. Dia 7 de setembro, por exemplo, enseja a oportunidade de algum ato de força para assustar a nação e impor a vontade presidencial.

Do anticristo pode-se esperar qualquer vilania, arrogância, prepotência e tudo o mais para satisfazê-lo na sua sanha destrutiva. Nada neste país parece habilitado a retirá-lo da sua privilegiada poltrona. A bem do anticristo, a seguir pelo caminho oposto àquele apontado pela autêntica democracia, criamos as condições ideais para que o ser maléfico se abolete de vez no trono. Isso tudo leva à conclusão de que Bolsonaro, em primeiro lugar, é um produto genuinamente brasileiro, um rebento da terra, ela própria conformada com a desgraça e com a presença do anticristo. •